

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacentro (RDC), PUC-Rio

Uma relação teórica entre desejo e não senso

Anna Paula Stolf, Lurdete Biava e Isabela Sielski

Instituto Federal de Santa Catarina

annapaula.stolf@gmail.com

Artigo apresentado durante o Simpósio

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

www.simposiodesign.com.br

Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

Uma relação teórica entre Desejo e Não-senso

A theoretical compared of Desire and Nonsense

STOLF, Anna Paula (Graduada);
BIAVA, Lurdete (Doutoranda);
SIELSKI, Isabela (Dra.)

RESUMO

Este artigo trata de um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso "Livro-Objeto-que-Deseja", de um Curso Superior de Tecnologia em Design de Produto, que se refere a uma relação teórica entre o conceito de desejo e o conceito de não-senso, uma vez que essa relação converge para a tentativa de uma nova teoria de formação de um livro enquanto produto de design.

Palavras-chave: Não-senso. Desejo. Livro.

ABSTRACT

This article discusses a clipping from the Trabalho de Conclusão de Curso¹ called "Object-Book-that-Wants", made in a Course of Technology in Product Design, which refers to a theoretical compared between the concept of desire and the concept of nonsense, once this ratio converges to attempt a new formation theory of a book while product of design.

Key-words: Nonsense. Desire. Book.

¹ It is the major essay during graduation in Brazil.

INTRODUÇÃO

Em uma primeira abordagem, segundo Deleuze (1998), o não-senso ou *nonsense* não se opõe ao sentido, mas à ausência de sentido, ao mesmo tempo em que não possui nenhum sentido particular. Mas como atingir pessoas por meio de um objeto que as faça desejarem o não-senso?

Foi a partir desse questionamento que surgiu o projeto “Livro-Objeto-que-Deseja”, o qual foi desenvolvido e concluído em 2010, no Curso Superior de Tecnologia em Design de Produto do Instituto Federal de Santa Catarina, em parceria com a Editora Parêntesis, situada em Curitiba. Teve como proposta teórica uma mistura de conceitos provenientes da arte, da filosofia e do *design*, entre eles os que aqui são tratados.

O projeto envolve, resumidamente, o conceito de não-senso e de desejo, além dos conceitos de rizoma, de livro-objeto e de objeto-de-desejo. Assim sendo, tomou-se como objetivo do projeto a construção de um livro *para as* pessoas e não *das* pessoas, *para as* palavras e não *das* palavras, de tal forma que fosse alargada a relação entre o objeto-livro e a sociedade. Todavia, este artigo trata apenas de um recorte do projeto, em que serão apresentados os conceitos de desejo e de não-senso e as relações estabelecidas entre eles para a contribuição do livro-objeto-que-deseja.

DESEJO

Como a finalidade deste artigo é pensar a relação entre desejo e não-senso, os assuntos foram segmentados da maneira mais intuitiva: desejo, não-senso e uma possível relação entre os dois conceitos.

A começar o estudo por “desejo”, cita-se Giorgi (1990), que enfoca o latim e o grego para convergir finalmente para a língua portuguesa, investigando, além do significado das palavras desejo, paixão e amor, o sistema mais amplo que a língua, o conjunto de sistemas simbólicos inseridos na cultura da época de sua origem.

Giorgi (1990) coloca que os romanos tinham o verbo desejar na sua forma mais comum como sendo *cupio*. Continua o autor: “*Cupio* é o desejo, isso quer dizer ‘eu desejo’, *cupio*. É o verbo *cupere*, ‘desejar’, que dá o substantivo *cupiditas*, que dá o português *cobiça*, dá o português *cupido*, o adjetivo *cupidus* em latim que vem da mesma raiz” (GIORGI, 1990,

p. 131). Contudo, a palavra *cupio*, dentro da cultura latina, é empregada como “gulodice”, pois provém do verbo *cupeo*, que significa gulodice nos dois sentidos, abstrato e concreto, como a própria gula, que é quando se come por gulodice, e também sendo a própria coisa que se come. Giorgi (1990) relaciona ainda a palavra *cupeo* com a idéia de ferver/soltar fumaça, o que quer dizer que quando um indivíduo deseja é como se ele estivesse soltando fumaça/soltando vapor.

Ainda em latim, contudo na sua forma clássica, o termo desejar originou-se do verbo *desiderare* que deu origem ao verbo desejar. Segundo o mesmo autor, *desiderare* vem da palavra *sidus, sideris*, que significa “astro”, “estrela”. Isso surgiu da linguagem dos adivinhos e arúspices, dos homens que tentavam adivinhar o futuro em Roma. O ato de contemplar os astros era denominado *considerare*, que gerou “considerar” em português. Ao contrário disso, *desiderare* era “desistir dos astros”, era quando não havia mais esperanças a considerar. Ou seja, “desejar é ter certeza da ausência”, continua o autor, “não tenho o que quero e por isso eu desejo” (GIORGI, 1990, p. 133).

Ao estudar a origem grega da palavra, o “desejo” é originado com o verbo *orégo*, que, segundo o autor, pode ser traduzido como “disposição, apetite, abertura corporal para obter o que você quer, do que propriamente por desejo, tanto que *anorexia* quer dizer inapetência” (GIORGI, 1990, p. 134). Basicamente *orégo* significa achar agradável, contudo, vinculada à palavra *orégo* está a palavra *orgué*, que quer dizer “pulsão”, “impulso”, “energia”. E pode também ser cólera em grego, pode ser desejo sexual intenso ou pode ser uma animação excepcional para qualquer coisa. A conexão com a “cólera” significa “uma espalhação muito grande de algo pelo corpo” (GIORGI, 1990, p. 134).

Portanto, para “desejo” em latim, tem-se *cupio* e tem-se *desiderare*, com a idéia de ferver/soltar fumaça e com a idéia de desejar algo porque lhe é ausente, respectivamente. E, para “desejo” em grego, tem-se *orgué*, de *orégo*, com a sensação de achar agradável, com sintomas impulsivos por ter algo espalhado pelo corpo.

Soma-se a essa abordagem, o que coloca Deleuze (1988) em seu Abecedário, no qual o filósofo expõe seu parecer sobre uma palavra para cada letra do alfabeto. A letra D, para ele, é correspondente à palavra “desejo”, no sentido de “construção de um agenciamento”. O autor exemplifica com a situação de uma mulher que diz querer comprar um vestido, mas evidentemente que não deseja tal vestido em abstrato, pois, segundo Deleuze, ela o deseja

dentro de um contexto particular de sua vida, configurando o desejo em relação com uma paisagem, com amigos ou não-amigos, com sua profissão, etc.

Deleuze prossegue apresentando que o agenciamento remete a um estado de coisas, em uma primeira abordagem, pois cada dimensão de agenciamento comporta um estado de coisas diferente, afins ou não ao ideal de cada indivíduo “desejante”. Prosseguem ao estado de coisas encontrado, os estilos de enunciação, ou seja, há sempre certo modo de lidar com as coisas, e este modo é o estilo da enunciação. Todo agenciamento também implica territórios, esclarece o autor, “mesmo numa sala, escolhemos um território”. E por fim, existem os processos de desterritorialização, o que envolve a maneira em que se sai do território. Portanto, conclui Deleuze (1988): “Um agenciamento tem quatro dimensões: estados de coisas, enunciações, territórios, movimentos de desterritorialização. E é aí que o desejo corre...”.

Deleuze afirma que “desejar é delirar”. Propõe ainda que “delira-se sobre o mundo inteiro” (DELEUZE, 1988). Ao contrário da visão psicanalítica, o inconsciente não é um teatro, mas sim uma fábrica, é produção. O inconsciente produz, não representa. O delírio não possui ligação com representações, o delírio não remete ao vivido. Deleuze coloca ainda que “não se delira sobre seu pai e sua mãe, delira-se sobre algo bem diferente, é aí que está o segredo do delírio” (DELEUZE, 1988).

Não se deseja, portanto, somente o que remete, seja ao passado, seja à família, etc., “delira-se o mundo inteiro” (DELEUZE, 1988), deseja-se o distante, o impalpável, a construção produzida pelo inconsciente, o que não foi vivenciado ainda. O desejo parece percorrer transformações de ideais, indicando novas produções a serem descobertas.

O desejo pode ser tomado, ao mesmo tempo, como um precursor e um sucessor da paixão e/ou do amor. Trata-se de se desejar algo, um agenciamento de que este algo faz parte, sendo este agenciamento apaixonante e apaixonado. Por isso, este algo se torna seu objeto-paixão ao mesmo tempo em que é seu objeto-de-delírio, ou antes, ou depois. Deste modo, surge um encadeamento de relações que envolvem três conceitos como um único: desejo-paixão-amor.

Nunes (1987) descreve a paixão como íntima de uma sensibilidade conflitiva, estando por trás da paixão a aspiração do infinito, o sentimento do sentimento e o desejo do desejo.

Por isso consegue-se tomar o partido de que desejar o desejo seria desejar algo que também deseja, desejar um agenciamento que deseje outro e assim por diante.

Leminski (1987, p. 293) defende que “o amor é uma anomalia engraçada”, ressaltando que não é estudado nem pela psiquiatria, nem pela psicanálise, nem pela psicologia social. O autor ainda supõe que “se a espécie humana desaparecesse e seres intergalácticos descobrissem a Terra, um dia, e dissessem: esquisito, viveram seres aqui, estranhos e tal, e eles pareciam ser afetados por uma coisa gozada chamada amor” , e esses seres tivessem a curiosidade de reconstruir um quadro do que fosse o amor, segundo o escritor, eles deveriam recorrer justamente aos poetas. Isso para ter informações de como o amor nasce, também sobre amores à primeira vista, sobre quando e como acontece o auge da paixão, suas loucuras, seu fim, entre tantas outras experiências que apenas os poetas saberiam descrever. E justifica, com este exemplo, que não existe nenhuma ciência capaz de ter o amor como objeto, nem mesmo com sua ambição totalitária que englobou todos os territórios e tudo que é real. É preciso ser poeta para ter o amor, a paixão e o desejo como objeto de estudo.

O amor-paixão-desejo (em qualquer ordem) não se fecha dentro de um quadro, ele percorre, vive em constante movimento, construção. Leminski discorre sobre a relação poeta-linguagem, explica que quando o indivíduo nasce, já nasce como falante de uma língua específica. Ninguém pergunta, pois, qual língua o indivíduo deseja falar. Quando se tem maturidade, nota-se que se é passivo em relação aquela língua, sobre a qual, continua o autor, não se tem poder algum. O poeta exemplifica com a conjugação do verbo “estar” no indicativo, o qual confere “eu estou, tu estás, ele está”, nunca “eu estejeto, tu estejermes, eles estejerando”. E acrescenta que para o segundo caso “não há Guimarães Rosa que tenha poderes, o próprio Rosa que leva isso a extremo limite, e os concretos, aquelas tentativas de romper com isso” (LEMINSKI, 1987, p. 287).

Leminski (1987, p. 287) afirma que o artista, portanto, é limitado por uma língua, um estoque de formas, “qualquer coisa que você faça fora ou contra isso é por tua conta e risco”. O poeta coloca que o artista sofre essa pressão da língua, mas que foi tomada uma atitude para devolver esses golpes, a qual estaria vinculada à ideia de experimental, de invenção ou de vanguarda, como já codificado no século XX. No Brasil, posterior às décadas de 1950 e de 1960, época da poesia concreta, da práxis, do poema processo, das vanguardas que mexeram com o tecido das coisas, tudo se tornou permitido, expõe o autor (1987, p. 289): “Pega a

palavra *fragmento*, joga fora a parte *mento* e dá nome prum livro de *Frag*. Esse livro seria impensável há quarenta anos”.

O artista, por fim, passa a ser executor, não mais remetendo a uma paixão passional, que sofre uma determinada ação, mas uma paixão que move ativamente a linguagem. Por isso Leminski (1987, p. 289) supõe um amor entre o poeta e a língua, já que as línguas amam os seus poetas porque neles se realizam os seus possíveis: “Então, as línguas amam seus poetas como se fossem seus filhos mais atrevidos, e os poetas devolvem, evidentemente, aquele amor de filho pela mãe, dá vontade de estrangular, não é mesmo?”

E artistas, neste contexto, entendem-se os áudios-visuais, os *designers* gráficos, de produto, de moda, de interior, os arquitetos, os músicos, os escritores, os poetas, até mesmo os jornalistas, os fotógrafos, entre outras áreas que se movem com o desejo, com a paixão que move a linguagem, que move outros desejos, etc.

Ao chegar nesse “meta-desejo”, buscou-se, então, estudar o não-senso, a fim de entender suas particularidades, visualizar suas intersecções e estabelecer relações com o conceito de desejo.

NÃO-SENSO

Holquist (*apud* CARROLL, 1977, p. 21), em relações abstratas da lógica e da matemática, esclarece a diferença entre o absurdo e o não-senso: o absurdo “lida com valores humanos, enquanto o *nonsense* lida com valores puramente lógicos. [...] O *nonsense* é um processo em si mesmo, sem qualquer outra finalidade”. Leite (*apud* CARROLL, 1977) observa que o valor do não-senso nas obras de Carroll é o de chamar atenção para a linguagem, para o fato de que ela não é só algo que conhecemos, mas algo vivo, em processo, “algo a ser descoberto”. O autor acrescenta sobre a visão de Holquist que o não-senso “é pura superfície [...] é uma violência contra a semântica, mas, desde que é sistemático, o sentido do *nonsense* pode ser apreendido” (LEITE, *apud* CARROLL, 1977, p. 21).

Deleuze resume o não-senso, afirmando que “ele tem por função percorrer as séries heterogêneas e, de um lado, coordená-las, fazê-las ressoar e convergir e, de outro, ramificá-las, introduzir em cada uma delas disjunções múltiplas. Ele é ao mesmo tempo palavra e coisa” (DELEUZE, 2007, p. 69). Ele pertence simultaneamente a duas séries que estão

sempre em desequilíbrio, nunca se emparelham, pois são opostas. Deleuze (2007, p. 69) exemplifica essa correlação do não-senso com pares variáveis: “ele é ao mesmo tempo excesso e falta, casa vazia e objeto supranumerário, lugar sem ocupante e ocupante sem lugar, “significante flutuante” e significado flutuando, palavra esotérica e coisa esotérica, palavra branca e objeto negro”.

Negar o sentido é do que trata o não-senso. Sobre o sentido, Deleuze (2007, p. 23) afirma ser “o exprimível ou o expresso da proposição e o atributo do estado das coisas”, estar entre a proposição e as coisas, ou seja, é um “acontecimento”. O filósofo sublinha que o sentido se diferencia tanto do objeto físico (designação), como do vivido psicológico e das representações mentais (manifestação) e dos conceitos lógicos (significação): o sentido é a quarta dimensão da proposição. E o não-senso, por negar o sentido, prova sua existência paradoxalmente.

Para Bastos (2001), Edward Lear e Lewis Carroll são os maiores expoentes *nonsense* na literatura. E, para estes, o não-senso é declaradamente “uma espécie de dialeto da inocência, uma linguagem associada à infância, mas, de algum modo, livre de carga do sentido” (HAUGHTON, *apud* BASTOS, 2001, p. 20).

Lear declara que o objetivo de seus *limericks*² era o não-senso, “puro e absoluto”, livre de qualquer “significado simbólico”. E Carroll, a respeito de suas intenções, ao escrever *The Hunting of the Snark*, declarou: “Sinto, mas não quis dizer nada, além do *nonsense*!” (embora tenha admitido que “as palavras dizem mais do que pretendemos quando as usamos”) (*apud* BASTOS, 2001, p. 20).

Maffei (2003, p. 105) aponta Lear por ter um “peculiar senso de humor, no qual cabia uma aguda percepção do ridículo, uma mania de brincar com as palavras”. Um *limerick* de Edward Lear, na tradução de Paes, é uma amostra disso: “Certa moça tinha o nariz tão comprido, / que lhe chegava até abaixo do umbigo. / Era preciso o ombro forte / de uma velha no transporte / De nariz assim tão destemido” (LEAR, 2003, s/p).

Sobre “Alice no País das Maravilhas”, Bastos (2001, p. 20-21) afirma ser “um ser ameaçado e atacado pela linguagem”. Uma vez que o que se percebe nos textos de Lewis Carroll não é a morte do sentido, mas sim uma reativação do processo do sentido em um nível

² Resumidamente, são poemas de cinco versos rimados em AABBA com lógica *nonsense*, sendo o terceiro e o quarto versos mais curtos que o restante.

intuitivo, imaginário e aleatório. No entanto, o não-senso não é um “caos textual”, ele abandona formalmente a regra, o gramatical, mas ainda está na língua, conforme o discurso de Lecercle (*apud* BASTOS, 2001, p. 21): “O não-senso instala-se nas fronteiras da língua, onde o gramatical e o agramatical se encontram [...]. Objeto curioso e paradoxal, uma fronteira ou um limite. [...] Há sempre alguma coisa além do ponto último, barreira ou espaço.”

Bastos coloca que essas considerações de Lecercle, a respeito de ultrapassar limites e de transgredir, são fundamentais à definição do texto *nonsense* e esclarecedoras para uma possível diferenciação entre o que é não-senso e o que é apenas errado, desordenado, caótico. Segundo a autora, o não-senso não apenas ultrapassa um limite, mas também o atravessa, incorpora-o; “rompe-se com a expectativa, palavras novas e mesmo outros mundos são criados” (BASTOS, 2001, p. 31-32)

O que esclarece o fato de o não-senso estar dentro da linguagem é o motivo de o sentido estar. Bastos explica que o não-senso não se resume a uma falta ou ausência de sentido, mas trata-se de uma negação. Como uma negação remete a uma afirmação, o não-senso prova a existência do sentido paradoxalmente. A ausência de sentido colabora por ser o oposto do que é o não-senso, revigorando-o por ser multiplicador de sentidos. Pode-se dizer que o não-senso é a expressão livre que aceita qualquer sentido que possa ser gerado. Deleuze (2007, p. 71) diz que supor que o não-senso diz seu próprio sentido, quer dizer o contrário disso, que não se deve decalcar a relação entre o sentido e sem-sentido como o verdadeiro e o falso, pois essa comparação não pode ser concebida apenas como uma relação de exclusão.

O que se deve entender por não-senso, portanto, é o oposto da ausência de sentido ao mesmo tempo em que não agrega nenhum sentido particular. Afirma Deleuze: “fazer circular a casa vazia e fazer falar as singularidades pré-individuais e não pessoais, em suma, produzir o sentido, é a tarefa de hoje” (DELEUZE, 2007, p. 76).

RELAÇÃO ENTRE DESEJO E NÃO-SENSO

Novaes (1990, p. 11) assinala que o que acontece com o desejo é o mesmo que acontece com a liberdade: “prodigiosa desatenção, perda de intensidade, um estado de perturbação provocado pela imaginação delirante”. Como se fosse uma explosão e um estado de choque, o delírio e o estado de perturbação, podendo-se atrelar esse sentido com o conceito

de não-senso, no qual diante de qualquer opção, pode ser qualquer coisa: por isso, talvez, alguma perturbação.

A partir do momento em que se define desejo como um agenciamento de coisas e de acontecimentos e que supostamente um agenciamento seja algo que possa também acontecer em superfície, assim como o sentido, acreditou-se na possibilidade de seu desdobramento em várias vias, entre a coisa e a proposição, subsistindo-a, da mesma maneira que insiste o não-senso.

Além dessa suposição, ressalta-se o surgimento da palavra desejo como gulodice, percorrendo os dois sentidos ao mesmo tempo, isto é, “a própria coisa que se come” por gula, e o acontecimento da gula, o próprio impulso de comer. Sublinha-se, então, a gulodice enquanto gula como a proposição/sentença e a coisa que se come como a própria coisa existente, investigação que permite um acontecimento flutuar sobre as duas vias ao mesmo tempo. Por isso, assim como o sentido e o não-senso, deve ser como sobrevive o desejo.

Outra conexão, ou ainda a mesma, percebida de outro modo, é que o livro-objeto-que-deseja, brevemente descrito na introdução deste artigo, foi projetado com espaços vazios (Figura 1), com recortes passantes nas estruturas dos livros, ideia que se manteve desde o início do projeto, por remeter a uma falta que permite qualquer coisa, como excesso de sentido, de não-senso e de nada, ao mesmo tempo, que também pode ser qualquer coisa. E o desejo? Pois se o desejo é a certeza da ausência, e a ausência permite qualquer coisa, seria o desejo a certeza de qualquer coisa, e qualquer coisa é nada, e, deste modo, pode ser excesso com relação ao sentido.

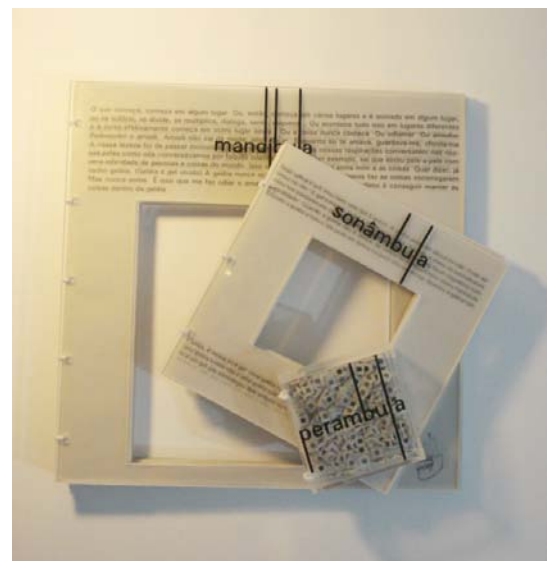


Figura 1 – Livro-Objeto-que-Deseja e seus espaços vazios

Arrisca-se expor um exemplo cotidiano: precisa-se de um vestido para uma festa, pois o guarda-roupa está vazio de vestidos para a específica festa. Portanto, caminha-se até uma loja de sapatos e compra-se o mais bonito deles. Resolvido o problema: o guarda-roupa não está mais ausente de vestidos, uma vez que eles subsistem o sapato que foi comprado.

Nesse contexto, os vestidos não são coisas, mas proposições que subsistem um determinado sapato, os vestidos não fazem sentido sem o sapato, assim como o expresso, o sapato não sobrevive sem a sua expressão. Sem a ausência de vestidos, o sapato não seria comprado. Enfim, o que se espera de um vazio é um preenchimento, seja o preenchimento com coisas exteriores ou com o próprio vazio (enquanto preenchimento), como a decisão de não ir à festa por possuir vestidos ausentes, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Como fazer desejar o não-senso, então? Essa foi a problemática que deu origem ao trabalho. Contudo, desejar o não-senso seria talvez redundante, já que o próprio desejo deve coexistir com a sua possibilidade. Cabe colocar que é o livro que deseja que, desse modo, reflete a linguagem e o não-senso para ele próprio, permanecendo entre a coisa/objeto-livro e o sujeito que propõe voluntária ou involuntariamente seu desdobramento. Basta permitir a trajetória, que o desejo vá e volte desejando, que os sentidos vão e voltem *nonsense*.

BIBLIOGRAFIA

- BASTOS, Lúcia Kopschitz Xavier. *Anotações sobre Leitura e Nonsense*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Summus, 1977.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Paris: Montparnasse, 1988-1989. Transcrição disponível em: <<http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>> Acesso em: 04 fev. 2010.
- GIORGI, Flavio Di. *Os Caminhos do Desejo*. In NOVAES, Adauto. (org.) *O Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 125-142.
- LEAR, Edward. *Sem Cabeça Nem Pé*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Afiliada, 2003.
- LEMINSKI, Paulo. *Poesia: a paixão da linguagem*. In NOVAES, Adauto. (org.) *Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 283-306.
- NOVAES, Adauto. *O Fogo Escondido*. In NOVAES, Adauto. (org.) *O Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 11-18.
- NUNES, Benedito. *A paixão de Clarice Lispector*. In NOVAES, Adauto. (org.) *Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 269-281.